

Interpretação das cartas bíblicas

Como interpretar uma carta

O destinatário

O remetente

Aplicação prática

O ensino

Uma linguagem própria

Interpretação bíblica

Como interpretar uma carta

“Porque nenhuma das outras coisas vos escrevemos, senão as que já sabeis ou também reconheceis; e espero que até o fim as reconhecereis...”

II Co 1- 13

Destacaremos vários parâmetros importantes e necessários para uma boa interpretação das cartas bíblicas.

Este estudo será progressivo para que o leitor possa acompanhar o nosso raciocínio e que ao final da leitura tenha meios para desenvolver uma leitura mais proveitosa dos textos bíblicos.

Os parâmetros aqui destacados diferem um pouco daqueles utilizados na interpretação de textos históricos, literários, científicos, etc.

Destacaremos os pontos primordiais a serem observados quando da leitura de uma carta, principalmente porque o Novo Testamento é composto na sua maioria em cartas.

O Destinatário

O primeiro ponto a ser identificado em uma carta é o **destinatário**. Para quem foi escrita a carta? Parte da interpretação depende muito desta identificação prévia.

Esta análise é feita nos estudos de literatura, e na teologia faz-se extremamente necessário identificar os destinatários da carta.

Quando se tem o destinatário de uma carta facilita as pesquisas históricas, socioeconômica, políticas e sociológicas na qual o receptor da mensagem que contém a carta faz parte.

Todas as cartas do novo testamento têm uma característica em comum: os destinatários das cartas eram cristãos.

Por serem as cartas do novo testamento destinada a um público cristão, elas não se atem a uma mensagem evangelística, antes elas presa por uma defesa do evangelho. Os destinatários das cartas do novo testamento já eram conhecedores do evangelho, e a função precípua das cartas eram lembrar o que eles já conheciam “Porque nenhuma outras coisas vos escrevemos, **senão as que já sabeis ou também reconheceis**; e espero que até o fim as reconheceréis...” II Co 1- 13.

Em um primeiro momento a carta tem um destinatário ou vários destinatários pré-determinados, e estes por sua vez cristãos “Paulo, servo (...) **a todos** que estais em Roma, amados de Deus...” Rm 1 1-7; “Paulo, (...) **à igreja** de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo...” I Co 1 1-2; “Paulo (...) **a Timóteo** meu verdadeiro filho...” I Tm 1. 2.

Dentre os cristãos que receberiam as cartas temos uma variedade de conceitos a serem analisados, e que por sua vez influenciou os escritores das cartas. Dentre estes agentes influenciadores destaca-se os seguintes:

- Carta destinada à igreja ou a uma coletividade – Ex: Carta aos Romanos e carta aos Efésios;
- Carta destinada a um irmão ou a um indivíduo – Ex: Carta a Filemom; Carta a Timóteo;
- Carta destinada a quem tinha o dever de cuidar de uma coletividade – Ex: As cartas a Timóteo e Tito;
- Nas cartas destinadas à igreja ou a coletividade observa-se o cuidado do escritor em demonstrar que todo e qualquer ser humano, independente de raça ou sexo, se torna um só povo em Cristo “Destá forma não há judeu nem grego, não há servo nem livre, não há macho nem fêmea, pois todos vos sois um em Cristo” Gl 3. 29;

Diante destes aspectos devemos olhar para as cartas como um tipo de comunicação manuscrita e/ou impressa que é **endereçada** a uma pessoa ou a uma coletividade.

As cartas bíblicas foram direcionadas a cristãos, o que nos leva a concluir que eles já conheciam o conteúdo do evangelho. “Pois nenhuma outra coisa vos escrevemos, senão **as que já sabeis ou reconheceis**” II Co 1. 13; “Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além **do que já vos tenho anunciado**, seja anátema” Gl 1. 8.

Estes versículos nos dão a idéia geral de como devemos olhar para as cartas Paulinas. Tudo que foi escrito nas cartas de Paulo aos cristãos já lhes era do conhecimento e compreensão.

Em decorrência dos destinatários conhecerem o evangelho, na maioria das vezes as cartas de Paulo têm um tom de defesa do evangelho.

O que já conheciam ou tiveram contato através da pregação pessoal de Paulo ou de seus filhos na fé, era defendido tenazmente contra os falsos doutores, falsos religiosos e falsos cristãos “Não vos lembrais de que estas coisas vos dizia quando ainda estava convosco?” II Ts 2. 5.

Sabemos que a maioria dos cristãos conheceram o evangelho por intermédio de Paulo e de Pedro, o que nos leva a concluir que: o remetente e os destinatários possuíam um conhecimento que lhes era comum, ou que havia entre eles alguma relação interpessoal.

Quem escreve uma carta, redige-a a quem no mínimo conhece e/ou que se tenha alguma relação pessoal; outros escrevem àqueles que no mínimo detém os mesmos conhecimentos ou interesses. Esta peculiaridade da carta traz algumas implicações, diferente de um texto de um livro:

- A linguagem de quem escreve é peculiar. Peculiar porque não só envolve os signos lingüísticos, mas a linguagem própria de quem escreve e de quem receberá a informação (há uma linguagem própria entre pessoas que se conhecem e que acaba por influenciar a escrita); Esta linguagem com determinados signos lingüísticos tem a função de evitar interpretações dúbias. Na comunicação, tanto pela fala quanto pela escrita, busca-se transmitir uma idéia, e não somente palavras soltas. Um dos erros mais freqüentes em se interpretar uma escrita está em só buscarmos a significação das palavras e deixarmos que estes “signos lingüísticos” falem por si só, deixando de levar em consideração a idéia geral que surge da combinação dos significados das palavras com a sua estruturação lingüística. Isto decorre do seguinte aspecto: a comunicação, tanto escrita ou falada, possui uma linguagem tanto mais significativa e importante do que os signos lingüísticos, que transcende e envolve questões culturais e a linguagem

própria ao grupo. Como exemplo, temos a linguagem restrita aos médicos. Os médicos têm uma linguagem própria; os profissionais do direito têm sua própria linguagem; os policiais dentro de suas funções também possuem uma linguagem própria; qualquer seguimento da sociedade tem a sua própria linguagem que é restrita e possui uma significação própria, compreendida só dentro daquele grupo em especial. Na comunicação entre pais e filhos há uma importância maior na autoridade dos pais do que na linguagem utilizada. Um olhar diz muito mais que “Quieto menino!”. Dentro deste aspecto devemos tomar cuidados redobrados ao interpretarmos as cartas paulinas, porque a união entre os primórdios cristãos era tão grande, que já possuíam características próprias de uma família.

- Geralmente uma carta é recheada de fragmentos de idéias e lembranças;
- Está voltada para contemporâneos de quem a escreveu “Rogo-vos que, quando estiver **presente**, não me veja obrigado a usar com confiança da ousadia que espero ter com alguns que nos julgam” II Co 10. 2. Nós, nunca teremos esta possibilidade de encontrar Paulo segundo estes aspectos humanos.

O remetente

Outro aspecto a ser observado refere-se ao autor da carta.

Neste aspecto estão inseridos: a apresentação pessoal, a motivação, a confiabilidade de seus escritos, não é impessoal como nos livros e contém muito da natureza do escritor.

Estes elementos nos levam a verificar os seguintes aspectos:

- A motivação de quem escreve uma carta;
- O que se pretendia com a carta? Trazer uma lembrança? Dar uma notícia? Aplacar saudades?;

- A disponibilidade de tempo e meios para se implementar a escrita da carta “Vede com que grandes letras vos escrevi de meu próprio punho” Gl 6. 11;

Ao lermos as cartas paulinas conseguimos sentir que a pessoa de Cristo era o motivo central da vida do apóstolo. O amor de Deus conquistou este homem de tal forma que se traduziu em motivação para que ele trabalhasse e escrevesse em defesa do evangelho.

Conseguimos observar nas cartas uma intensa luta do apóstolo para se fazer compreendido. O objetivo desta luta era desfazer qualquer tipo de interpretação errônea acerca do evangelho que ele pregava.

Em sua maioria, as cartas de Paulo foram endereçadas às igrejas que ele já havia visitado. As outras igrejas que ele ainda não havia visitado e acabou por escrever-lhes, estava sob cuidado de irmãos que eram filhos seus na fé, e por isso mesmo, já familiarizados com a linguagem do apóstolo.

As cartas de Paulo sempre foram voltadas para o coletivo. Mesmo quando direcionada a uma pessoa em particular, como é o caso das epístolas a Timóteo e a Tito, geralmente estava tratando dos problemas afetos ao coletivo.

Ao escrever, o apóstolo estava consciente de que os leitores tinham conhecimento da matéria que ele estava tratando, pois estes leitores tinham aprendido diretamente do apóstolo ou de um dos filhos seus na fé.

Caso um leitor que não tivesse tido um contato direto com os apóstolos, contato este que lhe proporcionaria um conhecimento completo de expressões restritas ao grupo de cristãos, poderia formular uma interpretação dúbia.

Observe nestes versículos a luta de Paulo:

(1) Muito trabalho e cansaço, com a finalidade de não viver as custas dos evangelizados;

- (2) O ministério de evangelismo era cumulativo, junto com o trabalho secular;
- (3) Ele tinha autoridade para evocar estas lembranças;
- (4) Pois: foi comissionado por Deus sendo que o evangelho apregoado não era de engano, impuro ou com dolo; I Ts 2. 2 – 10.

O objetivo de uma carta pode ser uma busca urgente de notícias, um amenizador de saudades, orientadora ou com outras finalidades.

Temos que saber qual é a pretensão da carta, para podemos nos aperceber da idéia principal.

Ex: Qual a diferença entre a I e II carta escrita aos Tessalonicenses?

Só conseguimos ver alguma diferença ao descobirmos qual a pretensão do escritor. Na primeira carta aos Tessalonicenses o Apóstolo Paulo tem um tom saudosista e não de defesa do evangelho I Ts 2. 17. Ele procura demonstrar que não se esqueceu dos irmãos I Ts 1. 3, que a esperança deles era idêntica: aguardar a volta de cristo I Ts 1. 10. Em qual foi a missão de Timóteo entre eles I Ts 3. 2. Sobre questões doutrinária ele só relembra o que foi instituído no concílio de Jerusalém I Ts 4. 3-4; At 15. 28-29. Um ponto doutrinário que eles pareciam desconhecer era sobre a esperança futura de quem já morreu I Ts 4. 13.

Já na II carta aos Tessalonicenses Paulo procura desfazer um engano que surgiu em decorrência da primeira carta. Quando ele tratou sobre a esperança de quem partisse com Cristo exortou aos irmãos que se consolassem, a quem tivesse um familiar que houvesse partido com Cristo, com as suas palavras “Dizemos vos isto pela palavra do Senhor” I Ts 4. 14- 17. Esta nova carta era para desfazer o engano causado por alguém que utilizava a outra carta de Paulo “Ninguém de maneira alguma vos engane” II Ts 2. 3a. O que fora ensinado não era para ser esquecido ou substituindo quando da chegada de uma nova carta.

Por mais que se pretenda expor de maneira completa uma idéia através de uma carta, acabamos por usar fragmentos de idéias, que trazem a tona lembranças do leitor que já teve contato com a idéia em questão. Paulo **não estava evangelizando** por carta, pois isso

ele já tinha feito “... para vos falar o evangelho de Deus, no meio de grande combate (...) enquanto vos pregamos o evangelho” I Ts 2 e 9.

As cartas contém fragmentos do evangelho, sendo que a sua plenitude só se alcança se analisarmos a bíblia como um todo. Precisa-se do antigo testamento, aliado a vida e ministério de Jesus, seguido dos evangelhos e ministério de Paulo para se chegar ao evangelho que fora pregado pessoalmente.

Quem escreve uma carta, como foi o caso do apóstolo Paulo, tem o objetivo de alcançar contemporâneos, e não pessoas além de sua época, e por isso mesmo não havia necessidade de ficar explicando o sentido das palavras utilizadas por ser um tema de conhecimento comum entre os cristãos.

Na antiguidade não havia as facilidades e meios para a escrita como possuímos hoje. Por isso mesmo o apóstolo utiliza uma linguagem sintética, não sendo prolixo, rica em figuras e exemplos e com poucas palavras. Era necessário escrever pouco e dizer muito.

Com estas idéias básicas, podemos, com a ajuda do Espírito Santo de Deus, buscar os sentidos mais profundos contidos nas escrituras sagradas.

Aplicação Prática

Os conceitos desenvolvidos acima já nos trazem uma idéia básica sobre como interpretar uma carta, e por isso mesmo demonstraremos como observar estas regras nas cartas escritas por Paulo.

Dentre todas as cartas paulinas, elegemos a carta aos Colossenses.

A epístola do apóstolo Paulo aos Colossenses foi escrita em um momento crucial para o evangelho. Momento este caracterizado pela rápida expansão do evangelho no mundo da época e pela introdução de heresias e conceitos errôneos nas igrejas.

Com a rápida expansão do evangelho não havia como o apóstolo visitar todas as comunidades evangélicas. Muitas regiões, nem mesmo haviam visto a pessoa do apóstolo, como é o caso da igreja de Colossos.

Por não conhecerem a pessoa de Paulo muitos não sabiam da luta do apóstolo em defesa do evangelho, e nesta carta ele demonstra como estava envolvido nesta batalha: a defesa do evangelho.

Em outras comunidades evangélicas que Paulo fundou ou visitará, ele lançou mão de sua autoridade ao ensinar e exortar. Entretanto, por não ter esta autoridade pessoal diante dos cristãos de colossenses, ele lembra aos irmãos que o evangelho chegou até eles através de Epafras, um dos seus filhos na fé.

Paulo no início da carta demonstra que o evangelho que ele estava defendendo havia sido ensinado por Epafras. Quem era Epafras? Segundo Paulo Epafras é descrito como:

- Amado: Epafras era tido em alta estima por Paulo;
- Conservo: Paulo demonstra que Epafras tinha os mesmos encargos que ele e Timóteo. Todos eles eram servos de Cristo. Tanto Paulo quanto Epafras estavam sujeitos a um mesmo Senhor.
- Fiel ministro: Paulo reconhece que em favor dos colossenses, Epafras executava o seu trabalho fidedignamente.

O evangelho havia sido levado aos colossenses por intermédio de Epafras. O mesmo evangelho que se expandia pelo mundo era o que o conservo de Paulo tinha ensinado àquela igreja. Ao escrever, Paulo tinha pleno conhecimento de que:

- Epafras tinha feito um bom trabalho “...fiel ministro...” Cl 1. 7b;
- Que os colossenses conheciam o evangelho “...antes ouvistes pela palavra...” Cl 15b;
-

- Que somente estaria lembrando o que os irmãos já conheciam “...aprendestes isto com Epafros...” Cl 1.7a;

O que podemos concluir com a introdução desta epístola?

Que esta carta é um alerta aos cristãos de Colossos, trazendo à lembrança dos leitores o que antes foi ensinado por Epafros, aumentando assim o cuidado daqueles irmãos.

Ao fazermos uma interpretação dos argumentos apresentados na epístola aos colossenses devemos ter em mente que:

- O apóstolo Paulo não estava ensinando os conceitos do evangelho aos colossenses;
- Que estava sendo feita uma defesa do evangelho, daquilo que eles já conheciam através de Epafros;
- Que não há nada de novo concernente ao evangelho; não se estava apresentando novos elementos ou conceitos à doutrina do evangelho na defesa escrita de Paulo;
- Que nesta defesa Paulo utiliza uma linguagem peculiar, que só tem um pleno entendimento àqueles que já houvesse aprendido o evangelho de uma fonte sadia.

A motivação ao escrever aos Colossenses estava no cuidado do apóstolo, para que eles não fossem enganados. “Digo isso para que ninguém vos engane com palavras persuasivas” Cl 2: 4.

Mesmo não conhecendo os irmãos da igreja em colossos, Paulo tinha recebido notícias a respeito da atitude de fé de seus membros. “...desde que ouvimos falar da vossa fé em Cristo Jesus, e do amor que tendes para com todos os santos...”; “... e que também nos declarou o vosso amor no Espírito” Cl 1: 4 e 8.

A carta é direcionada a igreja, portanto a uma coletividade, com argumentos universais, tanto que a carta deveria ser lida também entre os irmãos da igreja de Laodicéia Cl 4: 16.

Como perceber que nas cartas de Paulo temos fragmentos do evangelho?

Em várias passagens Paulo se referem ao evangelho na sua totalidade. Ex: “.. da qual antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho...” Cl 1: 5; “ em todo mundo este evangelho vai frutificando” Cl 1: 6; “...do evangelho que ouvistes..” Cl 1: 23; Entretanto em suas cartas só era possível demonstrar alguns aspectos do evangelho ou os pontos mais relevantes trazendo a lembrança dos leitores toda uma verdade, como bem fica descrito na carta aos coríntios. “Ora, irmãos, desejo lembrar-vos o evangelho que já vos tenho anunciado...” I Co 15: 1.

Certa feita o apóstolo Paulo teve a oportunidade de falar do evangelho ao governador Félix e a sua mulher, Drusila. Paulo naquela oportunidade só conseguiu falar sobre a justiça, o domínio próprio e o juízo vindouro At 24: 25, momento em que foi interrompido pelo governador.

Dáí conclui-se que em suas cartas Paulo não faz uma exposição completa do evangelho, mas trás a lume o que era de maior relevância a ser preservado na memória dos leitores: não esquecerem do que haviam ouvido e aprendido através dos apóstolos I Co 1: 23.

De todas estas características presentes em uma carta, a mais importante é a linguagem utilizada. O que veremos a seguir.

O ENSINO

O ministério de Paulo era apoiado no ensino. Ele buscava “apresentar todo homem perfeito em Cristo” Cl 1. 28, e para isso, uma de suas ferramentas era o ensino sistemático

do evangelho. “A ele 'Cristo' anunciamos, admoestando a todo homem, e **ensinando** a todo homem em toda sabedoria...” Cl 1. 28.

A matéria que o mestre Paulo ensinava era o evangelho de Cristo. Ao chegar em uma cidade, o apóstolo de imediato procurava uma sinagoga onde pudesse expor o evangelho At 17. 1-2. A discussão em torno da matéria estendia-se pelo tempo necessário ou enquanto estavam aceitando que Paulo falasse.

Era costume de Paulo discutir sobre as escrituras, expondo e demonstrando os elementos do evangelho.

Expor uma matéria é explicar, narrar, contar, revelar, tornando evidente o que se quer demonstrar.

Demonstrar é provar mediante raciocínio conclusivo, provando, evidenciando, dando a conhecer o que se quer revelar.

A maneira de expor o evangelho ia além. O apóstolo discutia. Ele, diante de pessoas avessas às suas idéias, debatia sobre o evangelho e a lei. Esta era a forma de consolidar os seus conhecimentos e transmitir o conhecimento do evangelho entre os inimigos declarados de Cristo.

Este mister era desempenhado também entre os cristãos. Em Troade, Paulo prolongou o seu discurso até a meia noite, isto porque no outro dia estaria de viagem à outra cidade. Ele não perdia um momento se quer na exposição do evangelho.

Além de possuir um método de exposição do evangelho dividido em tópicos, como vimos com Félix e Drusila, Paulo também possuía a experiência de expor o evangelho em uma escola por dois anos. A escola de Tirano foi um centro de exposição do evangelho, que através da pessoa de Paulo foi levado o evangelho aos habitantes da Ásia, e posto em discussão a matéria do evangelho At 19: 9.

Da mesma forma o escritor aos hebreus demonstra que o evangelho era exposto através de tópicos relevantes como: O arrependimento de obras mortas, a fé em Deus, o ensino sobre o batismo, imposição de mãos, ressurreição dos mortos e o juízo eterno Hb 6. 1-2.

UMA LINGUAGEM PRÓPRIA

Toda matéria secular precisa de uma linguagem própria para se firmar como ciência. Uma linguagem bem construída dá consistência à idéia que se quer transmitir.

A linguagem pertinente a uma matéria tem como objetivo o seguinte:

- Facilitar a compreensão;
- Facilitar a transmissão do conhecimento;
- Criar uma identidade à matéria;
- Não dar margem à interpretação dúbia.

O apóstolo Paulo foi eclético na apresentação do evangelho por ter a sua frente dois públicos alvo. Primeiro precisava convencer os judeus, e ao mesmo tempo tornar conhecida à mensagem do evangelho entre os gentios.

Para conseguir este feito foi desenvolvida uma linguagem peculiar que o tornava compreensível entre os judeus e os cristãos.

Observamos que aos escrever a uma igreja predominantemente judaica, o apóstolo utiliza o antigo testamento para ilustrar e dar consistência às suas exposições. Ex: a carta aos Romanos é recheada de versículos do antigo testamento.

Já a uma igreja com um grande numero de gentios, Paulo se socorre de figuras como a família, o corpo, a relação social para conseguir expor o evangelho. Ex: a carta aos Efésios, na qual ele apresenta só dois versículos do antigo testamento.

Ao citar na carta aos Efésios o versículo dezoito do Salmo sessenta e oito, Paulo o faz acompanhado de uma explicação. Ao citar Isaías sessenta, versículo primeiro, Paulo o faz acompanhado de uma advertência. Outras citações do antigo testamento são feitas de forma velada, isto é, a citação já vem incorporada a sua linguagem corrente. Observe: “Pois somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas” Ef 2: 10. Compare: “Senhor, tu nos darás a paz; Tu fizeste para nós toda a nossa obra” Is 26. 12.

A citação de Efésios já vem incorporada com uma gama de conhecimento que só tem total compreensão àqueles que se socorrerem do livro de Isaías. Para os cristãos em Éfeso não se tinha este problema, pois é bem provável que já tinham estas verdades impressas em suas memórias.

Ao construir a linguagem do evangelho, Paulo tem como elemento principal o livro de Salmos e os profetas para tratar com os judeus, e a figura da família e do corpo humano para explicar o evangelho aos gentios. Esta maneira de construir a linguagem do evangelho torna acessível à compreensão de leigos, e facilita a transmissão do conhecimento.

A linguagem utilizada por Paulo é restrita aos primeiros cristãos, criando uma identidade à matéria que a compõe, que é o evangelho.

O que seria esta LINGUAGEM em si?

O apóstolo Paulo ao falar de sua morte natural, não utiliza o termo “morte”. Ele utiliza vários outros termos como: “...desejo de partir..” Fl 1: 23; “...mas, alguns já dormem” I Co 15: 6; “...dormirem em Cristo...” I Co 15:18; “...feito as primícias dos que dormem” I Co 15: 20; “...nem todos dormiremos..” I Co 15: 51; “...casa terrestre deste tabernáculo se desfizer..” II Co 5: 1 a 6; “o tempo da minha partida está próximo..” II Tm 4: 6; etc.

Ao tratar de temas específicos do evangelho como a ressurreição, o velho homem, o novo nascimento, o termo “morte” torna-se indispensável. Todas as vezes que o apóstolo

faz um comentário sobre a morte de Cristo ele frisa de maneira bem nítida que Cristo morreu, descendo a sepultura, para posteriormente ressurgir dentre os mortos.

O apóstolo Paulo nunca fez referência a morte de Cristo com o termo “dormir”, e mesmo assim algumas seitas surgiram dizendo que Cristo não havia morrido.

Mesmo com uma linguagem bem clara surgia distorção em certos grupos a respeito da pessoa de Cristo. Diante disto, imagine se o apóstolo tivesse uma só vez utilizado o termo dormir referindo-se a morte de Cristo no calvário. Teríamos uma grande confusão, onde oportunistas que não crêem na morte do Cristo, utilizariam a sua linguagem de forma deturpada!

O uso de uma linguagem ou termo específico a uma determinada lição nos ajuda a entender a matéria, livrar de interpretações distorcidas e identificar quem realmente conhece a bíblia e faz parte de um grupo Cristão.

Outra forma de expor um certo tema é a forma de identificação que o apóstolo faz a respeito do assunto. Todas as vezes que o apóstolo trata do tema que aponta o homem como pecador, julgamento, ele se inclui ou utiliza a primeira pessoa para tratar do assunto. Ex: “Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais **eu sou o principal**” I Tm 1: 15; “Mas se **nós** julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados” I Co 11: 31; “Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo **nós ainda pecadores**” Rm 5: 8; “Nós somos judeus por natureza, e não **pecadores dentre os gentios**” Gl 2: 15; etc

Em alguns temas abordados em suas cartas, o apóstolo procura não expor as pessoas envolvidas naquela determinada situação. Ex: “Ora, irmãos, apliquei estas coisas *figuradamente* a mim e a Apolo, por amor de vós...” I Co 4: 6.

Paulo ao ser informado da dissensão que havia na igreja de Corintos, acabou por utilizar o seu nome, o de Apolo e o de Pedro para não dar ênfase ao nome dos contendores. Esta atitude do apóstolo é atrelada ao amor que ele senta pelos irmãos, que ainda estavam se desenvolvendo, mas que a soberba estava a rondar os seus corações, acabando por criar partidarismo entorno de certas pessoas. Existiam partidos dentro da igreja de Corintos, mas ao compreendermos a linguagem de Paulo, fica esclarecido que este partidarismo não envolvia a pessoa de Paulo, de Cristo, de Pedro ou de Apolo, e sim, de alguns que queriam ter algum destaque na igreja.

Ao verificarmos a linguagem utilizada percebemos algumas diferenças incrustadas nas cartas de Paulo. Por exemplo: a carta aos Filipenses e a carta aos Colossenses. Paulo já tinha visitado os cristãos de filipos, mas os de colossos, ainda não haviam recebido uma visita. Observe que a carta aos filipenses não apresenta frases explicativas como se apresenta na carta aos colossenses:

“Em quem temos a redenção pelo seu sangue”, **a saber**, “a remissão dos pecados” Co 1. 14. Paulo pára a explicação e passa a dar o significado do que é redenção; “vos reconciliou no corpo da sua carne, pela morte...” Co 1. 22.

Aqui, quando Paulo faz referencia ao corpo de Cristo, esta falando da morte de Cristo; já no versículo vinte e quatro, “e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja” Co 1. 24. Paulo tem que especificar que agora estava falando da igreja, e não da morte de Cristo; “Nele também fostes circuncidados com a circuncisão não feita por mãos no despojar do corpo da carne, a saber, a circuncisão de Cristo” Co 2. 11.

Paulo ao falar de uma nova modalidade de circuncisão descreve que a de Cristo não se consegue fazer utilizando-se as mãos, referindo à circuncisão da lei, mas a do novo testamento; diz do despojar do corpo da carne, lançando fora toda a carne, ou o corpo do pecado; e por isso mesmo, ele especifica tratar-se da circuncisão de Cristo.